

Delfim: Brasil precisa de investimentos diretos

Heitor Tepedino

Londres — “Acho que uma das saídas para o Brasil é o investimento direto, mas isto depende aqui de fora, porque é preciso ter capital para investir”, afirmou para o *Jornal de Brasília* o ministro Delfim Netto, do Planejamento, no seu segundo dia nesta capital, ao garantir que a inflação brasileira irá cair substancialmente no próximo ano, pelo seguinte motivo: “Teremos em 84 um fenômeno justamente oposto ao de 83. Os preços agrícolas cresceram menos e liberam recursos para a demanda industrial”.

“Os últimos resultados da inflação — prosseguiu Delfim Netto — revelam que ao contrário do que se afirmou, ela estava sob controle. Estamos mantendo a expansão da base monetária em 90 por cento, o que anula qualquer pressão na área monetária. Estou convencido de que realmente temos de reduzir substancialmente o déficit público, alcançando a meta prevista de 2,7 por cento. Atingidos esses objetivos, bem como dando-se um certo espaço de tempo para que o balanço de pagamentos seja aliviado, não temos a menor dúvida de que a economia brasileira retomará o crescimento”.

Analizando em Londres os problemas da economia brasileira, Delfim Netto acrescentou que neste momento temos todas as condições de reduzir a expansão da base monetária — o que considera relevante na política antiinflacionária — enfatizando que este ano passamos dez meses de incertezas sobre a política salarial, quadro altamente prejudicial em termos de inflação. Para o ministro do Planejamento, com a aprovação pelo Congresso da nova política de reajuste de salário tem-se também a contribuição da classe assalariada na luta contra a escalada dos preços que, somada a outras medidas, fatalmente proporcionarão o resultado que se busca. “Mas o governo também tem de contribuir — ressaltou Delfim — tem de cortar o déficit público”.

Agricultura

O ministro do Planejamento acha que a partir do segundo semestre de 84 os índices de desemprego no Brasil começarão a cair, como efeito da política em execução. No entender de Delfim Netto, já está demonstrado que os preços agrícolas somente oscilam por dois fatores básicos: na escassez de oferta sobem e no excesso de oferta caem. A seu ver, o único risco do corte de subsídios do crédito agrícola seria desestimular o plantio, o que também está demonstrado que não ocorreu no Brasil, já que as altas violentas dos produtos agrícolas deste ano transformaram este setor em razoavelmente rentável para os produtores. Assim, o preço torna-se o ponto fundamental para que o agricultor plante, e não o subsídio do crédito.

Delfim Netto está convencido de que a retirada do subsídio do crédito agrícola não irá trazer nenhum efeito inflacionário, argumentando que com ou sem subsídio o produtor sempre procura vender a sua safra pelo melhor preço, cujo termômetro oscila exclusivamente pela escassez ou excesso de oferta de alimentos. Para o ministro, a escassez verificada este ano com as enchentes do Sul e a seca do Nordeste já proporcionou uma escalada monumental dos preços agrícolas, o que assegura ao agricultor resultados lucrativos com ou sem subsídio. O governo está convencido de que o subsídio creditício não tem a menor influência sobre as oscilações de preços dos produtos agrícolas, descartando qualquer possibilidade de que esta medida venha a ter consequências inflacionárias.

Por outro lado, Delfim Netto conta com o bom desempenho da agricultura como outro fator de apoio ao setor industrial, salientando que os recursos capitalizados com a próxima safra, que promete ser excelente, se terá mais demanda de produtos industriais pela própria agricultura, que, expandindo a área plantada, necessitará de mais implementos agrícolas.

Meta

Quanto às críticas aos programas do governo para a economia brasileira, Delfim Netto desabafou: “Já vivi muito para saber que todo leão um dia vira gato. Acho que escolhemos o melhor caminho e vamos viver para ver”. O ministro admitiu que o ano de 1983 foi dos mais prejudicados por diversos fatores, podendo ser considerado o ano das grandes negociações para o equacionamento da economia brasileira. Acha que concluído o “pacote” ainda este mês, poderemos entrar em 1984 preparados para trabalhar com rigor, não tendo dúvida nenhuma de que esta política terá sucesso.

O ministro do Planejamento disse ser um dos maiores defensores de estabelecer-se no Brasil uma política de economia de mercado, ressaltando que toda vez que o governo parte para esta meta confronta-se com um problema sério, ao verificar que os empresários não têm dinheiro em quantidade suficiente para adquirir certas empresas. “O Brasil é um País capitalista onde o grande problema é a falta de capital”, ironizou Delfim Netto, respondendo a indagações sobre sugestões de alguns empresários no sentido de que o Brasil retorne a política de economia de mercado.

“O que não se entende — concluiu Delfim Netto — é que o Brasil tem uma dependência fundamental, que é a da área energética, e pela primeira vez esta estrutura está sendo alterada, com a implementação de programas como o do Proálcool (que nos salvou de problemas dramáticos), incentivo ao carvão, gás, etc. Enquanto o governo Figueiredo iniciou o seu trabalho com uma produção de petróleo de 170 mil barris/dia, no final do governo atingiremos 500 mil barris/dia, o que significa que podemos caminhar para a autosuficiência nesta área. Considero esta política das mais importantes, porque trata-se de dar uma nova estrutura a nossa economia”.



Galvões: não existe problema para fechar empréstimo de US\$ 6,5 bilhões

Arquivo